

Rumen Rachev, Dr. Janine Randerson*

Desfazendo o eu acadêmico: performance crítica e a incerteza na prática do doutorado

*

Rumen Rachev é doutorando da AUT University e, em 2014, completou seus estudos de mestrado na Universidade de Utrecht, na Holanda, em mídia e performance. Rumen chegou à Nova Zelândia em 2017 e foi imediatamente reconhecido na primeira performance apresentada, como um “crucial artista europeu”, pelo artista multidisciplinar neozelandês Chris Berthelsen. Atualmente, Rumen está pesquisando sobre as incertezas performativas do fluído. Seu perfil como pesquisador pode ser acessado no site: <https://aut.academia.edu/RumenRachev> <rachev@aut.ac.nz> ORCID: 0000-0002-2560-2011

Dra. Janine Randerson é artista, escritora e palestrante sênior da Universidade de Nova Zelândia. Em 2012, ela concluiu seu doutorado na Universidade de Melbourne em Mídia e Comunicação. Seu primeiro livro, “Tempo como mídia: em direção a uma arte meteorológica”, será publicado pela MIT Press, em 2018. Seus interesses de pesquisa englobam performance e artes da mídia, arte documental e ecológica. Seu currículo artístico está disponível em: <https://www.aut.ac.nz/profiles/dr-janine-randerson>. <janine.randerson@aut.ac.nz> ORCID: 0000-0002-9350-5803

Resumo Rumen Rachev ao desestabilizar as convenções emergentes ou a sistematização da pesquisa prática (Buckley e Conomos 2009; Hasman 2006) “desconstrói” seu trabalho intelectual como estudante de doutorado. Rachev, ao invés de seguir a metodologias da pesquisa fluída (Coleman e Ringrose 2013; Koro-Ljungberg 2016), promove um exame minucioso do que se entende por “produção de conhecimento”, no campo da Arte e do Design. Questionando o papel da crítica no domínio acadêmico e examinando a possibilidade de desfazer o *self* acadêmico por meio da performance, este artigo fornece uma visão das relações entre crítica institucional e trabalho acadêmico, ao mesmo tempo em que usa a academia como foco principal.

Palavras-chave Trabalho acadêmico, Metodologias fluídas, Incertezas performativas, Autogestão, Pesquisa prática.

Rumen Rachev, Dr. Janine Randerson*

Undoing the Academic Self: Performing Critique and Uncertainty within Practice-led PhD

*

Rumen Rachev is a PhD candidate in his first year of candidature at AUT University. In 2014 he completed his research master studies at Utrecht University, the Netherlands, in the field of media and performance studies. Rumen arrived in New Zealand in 2017 and has been immediately labelled in his first performance as ‘crucial European artist’, by the New Zealand’s multidisciplinary performer Chris Berthelsen. Currently, Rumen is working towards states of fluid performative uncertainties. His research profile can be found at: <https://aut.academia.edu/RumenRachev>

<rrachev@aut.ac.nz>

ORCID: 0000-0002-2560-2011

Dr Janine Randerson is a New Zealand-based artist, writer and Senior Lecturer at AUT University. In 2012 she completed a doctoral degree at the University of Melbourne in Media and Communications. Her first book ‘Weather as Media: Towards a Meteorological Art’ will be published by MIT Press in 2018. Her research interests span performance and media arts, documentary and ecological art. Her research profile is available at: <https://www.aut.ac.nz/profiles/dr-janine-randerson>

<janine.randerson@aut.ac.nz>

ORCID: 0000-0002-9350-5803

Abstract Rumen Rachev’s performance “undoes” the intellectual labour of a PhD student by unsettling the emerging conventions, or systemization of practice-led-research (Buckley and Conomos 2009; Hasman 2006). Rather than following an orderly approach to practice-led research, Rachev’s fluid methodologies (Coleman and Ringrose 2013; Koro-Ljungberg 2016) promote an examen minutieux of what is meant by the ‘production of knowledge’ in the Art and Design field. Through questioning the role of critique in the academic domain, and examining the undoing the academic self via performance, this paper provides an insight into the relations between institutional critique and academic labour, while using the academia as the main stage.

Keywords Academic labour, Fluid methodologies, Performative uncertainties, Self-management, Practice-led research.

Introdução

Este artigo busca criticar e mapear as incertezas no contexto das performances que são conduzidas pela prática artística, realizadas em cursos de doutorado institucional. Nós nos concentramos em performances elaboradas pelo autor Rumen Rachev, que foram apresentadas em eventos universitários, como simpósios, assim como em sessões de avaliação formais na Universidade. O artigo analisará várias performances recentes de Rachev, tais como: “Pisando no trampolim da teoria: reflexão sobre práticas criativas de doutorado” (2017), “Você não é maior que sua bolsa de estudos” (2018) e mais recentemente - “PGR X: O próximo capítulo” (2018). Essas performances, buscam subverter a ideia de desempenho da autogestão no campo da arte e do design, detectam incertezas em torno do trabalho na academia e criticam o potencial de cooptação ou escolhas de processos performativos de crítica institucional, visando contribuir com maior aprimoramento institucional.

Construindo o modelo de doutorado

O ano é 2017. Estou sentado na minha mesa, fazendo planos para apresentações futuras. A caneta cobrindo a superfície, criando diagramas de futuras possibilidades quem sabe de táticas institucionais. Tudo está cercado de incerteza¹. Meu projeto funcionará, quais são os riscos que envolvem a saúde e a segurança, alguém se ofenderá, como e quais são os objetivos a se-

Introduction

This paper serves as an exercise in mapping performative uncertainties in a critical response to the institutionally managed, practice-led PhD. We focus on performances staged by the author, Rumen Rachev, which primarily operate through performances activated within formal university events, at Postgraduate Symposia, formalized critique sessions, and more explicitly through University procedures such as progress reports. The paper will closely analyse several of Rachev's recent performances Stepping on the Stepping Stone of Theory: Reflexive Reflection upon PhD Creative Practices (2017), You Are no Greater than your Scholarship (2018), and most recently—PGR X: The Next Chapter (2018). These performances, it is proposed, subvert the performance of self-management in the art and design field, detect uncertainties surrounding labour in academia, and critique the potential for co-option or harvesting of performative processes of institutional critique, for greater institutional improvement.

rem alcançados? Como eu pagaria minhas mensalidades, como eu entraria em contato com outros acadêmicos, como eu me tornaria prolífico e produziria um trabalho criativo e original, e como eu poderia ser mais produtivo? Eu recebo orientações positivas de meus supervisores, com relação aos procedimentos institucionais de Arte e Design, da AUT, pois cuidadosamente lembram-me de que há diretrizes a serem seguidas, ao mesmo tempo que eu tenho permissão para tecer meus próprios parâmetros. O ano agora é 2018. Eu ainda estou dando forma para minhas práticas e construindo minha persona performativa. Algumas práticas têm mais conteúdo do que outras. Alguns estudos são melhores que outros. De volta à escrita formal.

Quase semanalmente, as orientações pontuam a vida dos doutorandos: “os alunos de doutorado estão no caminho certo para a qualificação” ou “conclusão” ou “organizaram seus relatórios de avaliação”? Medir a produtividade e a eficácia do doutorando não é algo novo, mas nos últimos anos as pressões de tempo e as restrições institucionais financeiras, tornaram-se mais evidentes, transformando o estudante no seu próprio supervisor de produtividade. Nesse sentido, não basta ser produtivo na academia, você tem que ser também um rigoroso supervisor de si mesmo. O reconhecimento da área de produção prática do doutorando em Arte e Design, ainda é altamente contestada. A prática na pesquisa do doutorado é bem aceita na Austrália, Nova Zelândia e Reino Unido; outros programas es-

Crafting the PhD Suit

The year is 2017. I am sitting on my desk, making plans for future performances. The pen is inking the surface, creating diagrams of yet-to-be possibilities for who-knows-what institutional tactics. Everything is surrounded in uncertainty.² Would my project work, what are the health and safety risks, who could be offended, how and what are the goals to be achieved? How would I pay my tuition fees, how would I network with other scholars, how would I become prolific and produce creative, original work, and how can I become productive beyond the sake of being productive. I am receiving a healthy dose of monitoring by my supervisors, concerning the institutional procedures of Art and Design, AUT, carefully being reminded that there are guidelines to be followed, while at the same time I am allowed to carry with me my own parameters. The year is now 2018. I am still putting flesh onto my practices and growing my performative persona. Some have more flesh than others. Some scholarships are better than others. Back now to formal writing.

On an almost weekly basis monitoring events have come to punctuate PhD life: ‘are PhD students on track to confirmation,’ or ‘completion’ or ‘have they filed their ‘progress reports’?. Measuring PhD productivity and

tão surgindo na Escandinávia e na Europa Ocidental (principalmente na Alemanha), mas ainda não é reconhecido nos EUA. A prática como pesquisa é a chave para se entender a importância do material, em áreas como arte e design (Barrett & Bolt 2010; Scrivener 2000). Outros autores promovem a ideia da prática como pesquisa, como geradora de revisão experimental da própria academia (Butt, 2017). Entretanto, a prática institucionalizada na academia pode tornar-se um problema. Scrivener e Chapman (2004), por exemplo, sugerem que os processos criativos e a crescente hibridação entre disciplinas práticas de arte e de design podem estar fora de sintonia com os requisitos do doutorado: “Parece que a forma como estruturamos as relações práticas, entra em conflito diretamente com a maneira como o processo criativo se desenvolve. De muitas maneiras, coloca-se a carroça diante do cavalo.” (P.10)

Se a pesquisa prática tiver que seguir os parâmetros metodológicos da pesquisa acadêmica tradicional, tais como revisão da literatura, estudo de pensadores relevantes da área, (ao invés de adotar, outros parâmetros que conduzam a performance) então, pode-se perguntar: qual é a diferença entre o processo de doutorado conduzido pela prática e a pesquisa de qualquer outro campo acadêmico? A obsessão, nesse caso, pela “produção do conhecimento” do pesquisador, levanta questões sobre o modo como a academia avaliará o desempenho da pesquisa prática da performance seja como eficiente, afetiva, produtiva, assim como,

effectiveness is not something new, but in recent years time pressures and institutional financial constraints have become more apparent, with emphasis placed on becoming the self-manager of your own productivity. It is not enough to be a productive in the academy, you have to be a good self-manager as well. Even within the practice-led model, with its' radical reshaping of the kind of knowledge admitted to the academy, the PhD candidate is expected to be self-sufficient unit of institutional management. The recognition of the PhD candidate in Art and Design, especially in practice-led PhD, is still highly contested area. Practice-led Research at higher degree level is well accepted in Australia, New Zealand, and the UK; programs are emerging in Scandinavia and Western Europe (mainly Germany), yet practice-led doctorate is still largely unrecognised in the USA. Practice as the key site of research, the notion of material thinking, and the understanding that Art and Design are not neutral and 'natural' processes orientate scholarship in this area (Barrett and Bolt 2010; Scrivener 2000). Other authors promote practice-led research as generative of an experimental overhaul of academy itself (Butt 2017). Yet the practice-led doctorate has been shaped by institutional processes, and this can be problematic. Scrivener and Chapman (2004), for instance suggest that the creative processes and the increasing hybridisation across disciplines in art and

a sua contribuição como original, no campo da erudição.

Se o desempenho prático do doutorando, de certo modo, é constantemente avaliado na academia, independentemente da disciplina, dentro do mesmo prazo restrito, como poderá a incerteza e ações fluídas ou indefinidas, de uma atividade temporal (enquadrada como metodologias de pesquisa) ser reconcebida como produtiva, em vez de simplesmente não-rigorosa ou não-acadêmica? Ele argumenta que medir a arte por meio de “uma amostra de sua forma de ser, é ignorar sua dinâmica inerente a seu ser, como uma forma de sempre tornar-se outro”. (Jervis, 2009, 2).

Num processo contínuo conduzido pela prática, a indicação dos pontos de avaliação pode ser levada pelo candidato e pelos requisitos da prática em desenvolvimento, e não por pontos pré-determinados pelos revisores e examinadores. A performance do trabalho criativo não termina quando o processo de doutoramento é concluído.

Isso implica dizer que o “desempenho” é diferente do “trabalho estável” (Lesage, 2013). Ou seja: “O trabalho em tempo integral não é o que se entende por desempenho. É possível ter um desempenho e ser um trabalhador em tempo integral de uma só vez, mas ser um trabalhador em tempo integral não é uma pré-condição para ter um desempenho.” (Lesage, 2013, p. 17).

A academia é um exemplo da demanda por pessoas de alto desempenho, em tempo integral, onde as cotas para aca-

design practice can be out-of-step with the requirements of the PhD: “It seems that the way we structure degrees directly conflicts with the way in which the creative process develops. In many ways it puts the cart before the horse.” (10)

If the practice-led PhD still has to create overarching questions, identify methodological paradigms, generate a literature review and study relevant practitioners in the field, in order to design a study in advance of making (rather than intuitively attuning or developing practices of hands-on thinking/making through performing), then, one might ask; what is the difference between the practice-led PhD suit and the suit of any other academic field? The obsession with ‘knowledge production’ through performing the role of practice-led researcher, leads to questioning how the performance can be measured as efficient, affective, productive, and offering an original contribution to the field of scholarship. If the practice-led PhD candidate is constantly evaluated on certain measures that all students across the academy, regardless of discipline are measured against, within the same constricted timeframe, how can uncertain, fluid or undefined actions, durational activity (which now must be framed as research methodologies) be reconceived as generative rather than simply unrigorous or unscholarly? Artist and educator Ian Jervis raises the question of how necessary it is

dêmicos são monitoradas pelo “Performance-Based Research Funding” (PBRF), do governo da Nova Zelândia. Os doutorandos não recebem remuneração além das bolsas de estudos, mas as suas defesas geram recursos do estado para a universidade, por essa razão, precisam realizar os relatórios de avaliação e tarefas acadêmicas internas. Como assinala Lesage, para os estudantes de doutorado: “No regime de trabalho estável, o tempo não remunerado é mais do que nunca uma característica definidora do ciclo de produção de valor” (Lesage, 2013, p. 18).

O trabalho do doutorado incorporado torna-se um modo de pensar e agir que é difícil de ser desfeito, além disso, existem poucos mecanismos para impedir que o trabalho acadêmico continue sendo efetuado. Não há como esconder, não há como romper, não há mais nada além do trabalho. Assim, o candidato a doutor é consumido no processo do doutorado. O doutorando ao se envolver no trabalho, torna-se pensamento e ação com / através de / através da estrutura mental e física. Trata-se de trabalhar sob o regime acadêmico e das obrigações contratuais para as diferentes proliferações dos PGRs (a sigla para formulários da Pós-Graduação, incluindo os relatórios de desenvolvimento). Uma vez terminado o projeto de doutorado, o processo torna-se uma parte do DNA do candidato, exibido orgulhosamente entre as páginas da tese final. Assim, como o herbário, a pele do doutorando é inserida na tese. O trabalho acadêmico pode terminar, mas não a academia: o processo imprime-se na

to provide a written (or verbal) articulation of method and methodological rationale or whether a method might be inferred from the resulting artefact, suggesting that contemporary art sustains a “continual renegotiation of evaluative frameworks”. He argues that to measure art through “a sampling of its state-of-being, is to ignore its inherent dynamic and its being as a state of always becoming-other.” (Jervis 2009, 2)

In a continuous practice-led process, the nomination of evaluation points might be led by the candidate and the requirements of an evolving practice rather than at pre-determined points by reviewers and examiners. The creative performance labour does not finish once the PhD suit is taken off. This leads to the implication of ‘permanent performance’, which is different from ‘permanent labour’ (Lesage 2013). That is to say: “Full-time labour is not what is meant by permanent performance. It is possible to be a permanent performer and a full-time labourer at once, but being a full-time labourer is not a precondition for being a permanent performer” (Lesage 2013, 17).

The demand for full-time high performers is exemplified well in academia, where performance quotas are constantly required to rise, monitored by ‘Performance-Based Research Funding (PBRF) by the government in New Zealand for academics. PhD candidates labour is unpaid on

membrana cognitiva, mental, física e às vezes espiritual daquele que passou, duramente, pela jornada. O próximo processo de doutorado aguarda seu candidato em potencial.

Construindo uma Crítica Institucional

Eu iniciei meu doutorado sem saber ou realmente me importar com as consequências que poderiam acarretar uma crítica intuitiva. O que eu sabia é que não desejava ser institucionalizado, mesmo antes de compreender o quão profundamente o poder institucional nos entrelaçam no mundo da arte, na academia e nos regimes de controle neoliberais.

Isso mudou, agora estou me preparando para ser devidamente institucionalizado e espero ser pago adequadamente um dia. O trabalho vai além do dinheiro, mas, no entanto, o dinheiro é apreciado (às vezes). Minha loucura e obsessão pelo institucionalismo e pela crítica institucional começaram com o artigo de Alexander Alberro (2011) “**Institutos, Crítica, e Crítica Institucional**”. A partir da análise bibliográfica acerca do caminho institucional deste trabalho! Alberro habilmente questiona o que é constituído de concreto dentro e fora da instituição, para proliferação esporádica do institucionalismo através de redes complexas. Um aspecto importante do texto é: na tentativa de performers e artistas escaparem do institucionalismo e da institucionalização, eles “trouxeram mais do mundo para dentro dela” (Alberro, 2009, p.14). Em outras palavras, a instituição já incorpora os artistas. Quando o mundo está sendo institucionalizado e não existe divisão entre dentro e fora, não surpreende que “As relações subjacentes de poder permanecem as mesmas” (ibid) O tema de institucionalizar a instituição e lidar com o trabalho precário dentro da mesma tem sido amplamente tratado nos textos e performances (e textos-performances) de Andrea

an individual level, aside from scholarships, but completions bring in revenue from the state for the university so we must continue to perform through our progress reports and internal academic milestones. Hence, as Lesage points out, for PhD students: “In the regime of permanent performance, unpaid labour time is more than ever a defining characteristic of the cycle of value production” (Lasage 2013, 18).

The PhD labour becomes an inhabited and inhabiting mode of thinking and acting, one that it is hard to be undone, once undertaken, and there are very few mechanisms in place to prevent academic labour continuing to be labored. There is no hiding, there is no break, there is no activity beyond labour anymore. Thus, the PhD candidate becomes the suit, wearing itself on itself. The PhD becomes a thinking and acting with/through/by mental and physical framework, which entangles the living matter into a labouring one. The PhD is not solemnly about the PhD. It is about labouring under the regime of the academia and contractual obligations to the different proliferations of the PGRs (the acronym for Postgraduate Research office forms, including progress reports). Once the PhD project is finished, the suit becomes a shredding death skin, carrying the DNA of the candidate, displayed proudly between the pages of the final thesis. Just like the process of herbarium, the PhD skin is put to rest between the digital hardcovers. The academic work might finish, but not the academic inhabitation: the suit imprints itself into the cognitive, mental, physical, and sometimes spiritual membrane of the one who has undergone the hard-hearted journey. The next PhD suit awaits its prospective candidate.

Crafting Institutional Critique

I started my PhD not knowing or really caring about what intuitional critique entails. What I knew is that I did not wish to be institutionalized, even before reading literature about how deeply the institutional grip entwines us in the art world, in academia and in neo-liberal regimes of control systems. That changed, now I am preparing to be properly institutionalized, and hopefully to get properly paid one day. Labour goes beyond money, but nonetheless, money

Fraser (2005) “Da crítica da instituição para uma Instituição da Crítica.” No texto Fraser escreve: “Isto não é uma questão de ser contra a instituição.... Isto é uma questão de qual tipo de instituição nós somos, quais tipos de valores institucionalizamos, quais práticas nós recompensamos, e quais tipos de recompensas nós aspiramos. Porque a crítica da instituição exige um questionamento, acima de tudo, de nós mesmos” (p.4). O sentimento de indefinição do tipo certo de instituição/institucionalização ecoa na minha dúvida anterior de qual é a desejada e como nutri-la? A instituição pode coexistir com a incerteza? As instituições, já estão fazendo isso, enquanto oficialmente escondem a incerteza, por trás dos formulários de avaliação de risco? Como posso resistir à institucionalização das incertezas, enquanto ainda desenvolvo isso como um método? Por qual preço posso vender e mercantilizar minha incerteza?

Marta Keil questiona o espírito do institucionalismo e a crítica institucional frequentemente “Qual é o propósito da crítica institucional hoje?” (2007) Kell comenta “Como é realizada uma pesquisa crítica, com as instituições ameaçadas e as necessidades de defesa?” (P.1)

Resistir à institucionalização institucional, enquanto, por outro lado, tenta defender e manter abertas as instituições, Keil prossegue comentando que “outro argumento recorrente da análise crítica das práticas institucionais é a ocupação esotérica e autorreferencial, não beneficiando nada e ninguém exceto seu próprio objeto e sujeito” (ibid.). Como no artigo anterior de

is appreciated (sometimes). My maddening and obsession with institutionalism and institutional critique started with the article by Alexander Alberro (2009) “Institutos, Critique, and Institutional Critique”. What an institutional journey this literature review work is! Alberro skillfully questions what is constituted by the inside and outside of the institution from concrete places to the sporadic proliferation of institutionalism through intricate networks. One important takeaway from the text is: in the attempt of performers and artists to escape institutionalism and institutionalization, they have “brought more of the world into it” (Alberro 2009, 14). In other words, the institution is already internalized by the performers. When the world itself is being institutionalized and there is no clear divide between in and out, it comes as no surprise that “the underlying relations of power remain the same” (ibid). The topic of institutionalizing the institution and dealing with the precarious work inside of it has been extensively dealt as well in the writings and performances (and writing-performances) of Andrea Fraser (2005). In *From the Critique of Institutions to an Institution of Critique*, Fraser writes: “It’s not a question of being against the institution...It’s a question of what kind of institution we are, what kind of values we institutionalize, what forms of practice we reward, and what kinds of rewards we aspire to. Because the critique of the institution demands we ask, above

Alberro, interroga sobre as indefinições das linhas institucionais e o que é considerado “dentro e fora”, Keil exemplifica que a preocupação não deve ser apenas com o institucionalismo e a instituição, mas inclui também a desinstitucionalização:

Se a performatividade fosse o cerne de como esse mundo artístico funciona, Vujanovic consideraria a arte como um sistema dinâmico, nunca capaz de se constituir plenamente; uma espécie de ordem em que os momentos de institucionalização e desinstitucionalização se sobrepõem constantemente (p.4)

Quando a institucionalização e a desinstitucionalização suscita novamente o mesmo processo de institucionalismo através da renovação institucional, as opções estão limitadas pela liberdade acadêmica dentro da universidade ou pela liberdade artística dentro da instituição de arte. Quem precisa ser pago para promover mais o aparato institucional, quando acadêmicos e artistas se tornaram agentes auto-institucionalizantes, onde até mesmo nossa crítica do sistema ajuda a manter o status da universidade ou do museu como vanguarda.

all, of ourselves.” (4) The sentiment of blurring institutional lines and asking “what is the right kind of institution/institutionalization?,” echoes my previous question of what is the desired uncertainty and how to nourish it? Can uncertainty and the institution cooperate and co-exist? Are they already doing that, while the official protocol hides this relation behind risk-assessment forms? How can I resist the institutionalization of uncertainties while still developing this as a method? For what price can I sell and commodify my uncertainty?

The spirit of institutionalism and institutional critique continues in Marta Keil’s perpetual question raised in “What is the Purpose of Institutional Critique Today?” (2017). Keil remarks “with institutions under threat and in need of defense, how is one to survey them critically?” (1) Resisting institutionalization, while on other hand trying to defend and keep open the institutions, Keil proceeds to comment that “another recurring argument is that critical analysis of institutional practices is an esoteric and self-referential occupation, benefitting nothing and no one except its own object and subject” (ibid.). As in the previous article by Alberro, interrogating the blurred institutional lines and what is considered ‘in’ and out’, Keil exemplifies that the concern should not be only with institutionalism and the institution, but including as well deinstitutionalization:

Were performativeness at the core of how this art-world works, one would, Vujanovic argues, regard art as a dynamic system, never capable of fully constituting itself; a kind of order in which moments of institutionalization and deinstitutionalization overlap constantly (4)

When institutionalization and deinstitutionalization leads again to the same process of institutionalism through institutional renewal, the options are limited for academic freedom within the university or artistic freedom within the art institution. Who needs to be paid to promote the institutional apparatus anymore, when scholars and artists have become walking and talking self-institutionalizing promotional agents themselves, where even our critique of the system helps to maintain the status of the university or art museum as on the leading edge.

Construindo a persona acadêmica

A arte é atualizada por meio da prática, logo algum artefato ou performance deve ser produzida. No começo, eu não tinha certeza qual seria o comprometimento dessa prática, como estruturá-la ou por onde começar. Após os primeiros meses do projeto de doutorado, passando por inúmeras ideias e bibliografias de vários campos, e conversando com meus orientadores, segui o conselho para iniciar: aonde quer que isso pudesse me levar.. Há muito tempo, tenho estado, como estudioso casual, buscando por encontros criativos oportunos. A produção da persona acadêmica se manifesta por meio da utilização da infra-estrutura da universidade (AUT). Uma crítica explícita é apresentada, por meio da encenação de cenários performativos, usando os recursos do programa de Arte e Design, para pensar sobre qual é o papel da crítica para criticar e qual é a linguagem e a direção de meus métodos e práticas. Quando perguntaram a um colega sobre o tema do meu doutorado, ele respondeu: “Rumen, a partir do seu próprio curso, está investigando como performar um doutorado, encenando uma persona acadêmica, para revelar e esconder a dinâmica das estruturas institucionais de poder.” (AUT 2017). Meu primeiro estudo, para explorar os mecanismos subjacentes de procedimentos e obrigações institucionais sobre o uso da infraestrutura da universidade, foi apresentado no simpósio da Escola de Pós-Graduação em Pesquisa da AUT, em 2017.

Crafting the Academic Persona

Art is actualized through practice, so at a certain point some artefact or performance must be produced. In the beginning, I was not sure what this practice might entail, how to structure it, or where to begin from. After the first few months of the PhD project, going through numerous ideas and literature of various fields, and talking to my supervisors, I took the advice to just start doing it: wherever it may lead, however it might start. The accidental scholar in me has been on the search for chances of creative encounters for a long time. The crafting of the academic persona is manifested through utilizing the infrastructure of the university (AUT). Explicit critique is put forward, through staging performative scenarios, using the resources of the Art and Design program, to think through what the role of critiquing critique is and what is the language and agency of my methods and practices. A colleague, when asked what my PhD was about, answered: “Rumen is investigating how to perform a PhD, through staging an academic persona, using the PhD itself, to reveal and obscure the dynamics of the institutional structures of power.” (AUT 2017) My first study of using the university infrastructure to explore the underlying mechanisms of institutional procedures and obligations, was the serious academic presentation at AUT’s Graduate School of Research symposium in 2017.

Subvertendo o simpósio de Pós-Graduação

Meu resumo foi aceito para uma apresentação no simpósio da Escola de Pós-Graduação, realizada em 18 de agosto de 2017. A maioria dos alunos apresenta suas pesquisas atuais de diversas disciplinas com um PowerPoint e com algumas exceções, eles incluem uma exibição de filme ou performance. O público não estava esperando ou preparado para uma performance na forma de uma palestra. A palestra performativa foi realizada como um ato performativo para destacar a seriedade do trabalho acadêmico, representada por um pesquisador acadêmico sério. Durante toda a performance, eu me afastei um pouco do público do auditório para dirigir-me às três cadeiras vazias ao lado da sala (essas cadeiras eram onde os juízes se sentariam mais tarde, para deliberar em três minutos sobre a melhor tese de pós-graduação). Esse deslocamento, mudou a noção que se estabelece entre o orador e seu público. Eu trazia comigo um jogo de impressões do tempo restante para término das apresentações, que os moderadores mostraram aos palestrantes. Num ato invertido, eu mostrava ao público quantos minutos eles teriam comigo, ao invés de mostrar quanto tempo eu teria com eles. Um dos meus slides do PowerPoint abordava o absurdo com a obsessão sobre a criatividade em Arte e Design: “Criar criatividade criativa; Obedeça a você mesmo para não obedecer; Performe energia—Conduza você mesmo.” A performance foi muito mais do que uma simples performance, pois foi a primeira vez que começou-se a desfazer anos de regras

Subverting the Postgrad Symposium

My abstract was accepted for a presentation to take place at the Graduate School of Research symposium on the 18th of August, 2017. Most students speak in front of a PowerPoint about their current research from a range of diverse disciplines, and in some exceptions they include a film screening, or performance. The audience was not expecting or ready for a performance in the guise of a lecture. The performative lecture was carried out as a performative act to highlight the seriousness of academic labour, by getting in the role and presenting as a serious academic researcher. Throughout the improvisational performance, I half-turned away from the actual audience in the room to instead address three empty chairs at the side of the room (these chairs were where the judges would later sit to deliberate on the best three minute Postgraduate thesis). This turning, disrupted the established notion that you have to pay constant attention to the audience and have eye contact with them. I carried a game briefcase, in which I had printed out units of time remaining, corresponding to the minutes that the panel moderator has to show to the presenter. In a reverse act, I was showing and holding accountable, how

acadêmicas estabelecidas, regulamentos comportamentais de como apresentar, de como falar, como ser um acadêmico.

Com mais de dez anos de estudos acadêmicos realizados em instituições acadêmicas, conduzidos por estritas regras do Oeste Europeu, havia chegado o momento de devolvê-los, com mais seriedade ainda, a pesquisa. Ou seja, isso quer dizer que trata-se de uma dupla negação da seriedade, a partir da qual distancia-se do sério, por não levar muito a sério. Por tão sério, era necessário, que a pesquisa fosse abordada de um modo nada sério. Esse foi o primeiro ato improvisado, de como desfazer o eu acadêmico e lutar por algo mais lúdico, para superar as expectativas estabelecidas de como um acadêmico deveria se formar e se tornar um acadêmico sério.

many minutes the audience had with me, rather than how many minutes I had with the audience. One of my PowerPoint slides read, addressing the absurdity with Art and Design creativity obsession: "Create creative creativity; obey yourself not to obey; perform energy--motorise yourself." This performance was much more than just a performance. It was the first time to start undoing years of established academic rules and bodily regulations, how to present, how to talk, how to be an academic.

With my background of almost a decade in the academy, trained in proper strict Western European regimes of academic governance and internalizing regimes of academic obedience, it was time to return the gift of seriousness in the form of even more seriousness. This was a double negated seriousness, from which one has to distance oneself from so as not to take it too seriously. Because it was so serious, it had to be approached unseriously. This was the first act of improvising how to undo the academic self and strive for something more playful, exceeding the set expectations of how an academic should form and become a serious scholar.



Fig 1. Rachev performing a persona acadêmica.
Em AUT, 2017, Auckland, Nova Zelândia.

Fig 1. Rachev performing the serious academic persona.
By AUT, 2017, Auckland, New Zealand.

Minha palestra questionava a frase favorita de muitos pesquisadores “produção de conhecimento”, na qual discutia que não existe um modelo que faz de um doutorando um doutor, o que existe é um elaborado conjunto de regras e regulamentos, que mesmo quando combinados e seguidos, ainda não respondem às perguntas o que é e o que faz um doutorando; como / onde encontrá-lo / criá-lo. A palestra apresentada com poéticos slides do Powerpoint, buscava se assemelhar às pesquisas sérias e rigorosas, o público respondeu entusiasticamente à palestra. Esse foi um fator imprevisível, já que meu objetivo não era somente entreter. Em vez disso, minha intenção era subverter a seriedade do trabalho acadêmico e a seriedade da personalidade acadêmica, afirmando desde o início da minha performance: “Sou um pesquisador acadêmico sério com 10 anos de experiência acadêmica e pesquisa”. Desdobrar minha personalidade séria, a fim de afastar-me do acadêmico sério. Entretanto, a maioria dos comentários revelou que a seriedade da performance desapareceu, quando o público percebeu e interpretou como uma sátira de uma apresentação acadêmica, um ato performativo. A minha intenção séria de subverter o acadêmico sério não foi levada a sério o suficiente. O efeito de distanciamento da persona acadêmica performativa levantou questões sérias sobre como o público se relaciona com esse evento. Além disso, trouxe um sério humor absurdo, pois questiona o valor da originalidade, a construção e desconstrução do eu acadêmico e as infraestruturas institucionais subjacentes que transformam o doutorando em doutor.

My talk concerned what would become in time a long journey of questioning the favourite phrase of many scholars to “produce new knowledge,” by positing that there is no such thing that makes a PhD a PhD. A PhD could be simply an elaborate set of rules and regulations, which, when they are combined and followed, still do not answer the question what makes a PhD what it is, and how or where to find it and create it. Using poetic Powerpoint slides, which have to resemble serious and rigorous research, the audience responded enthusiastically to the talk. That was an unpredictable factor, since my point was not to entertain per se. Rather, to subvert the seriousness of the academic labour and the academic persona, by stating in the beginning of my performance; “I am a serious academic researcher with 10 years of academic experience and research.” To deploy my serious persona, in order to take a distance from being a serious academic. My persona was taken lightly by the audience, since most of the comments revealed that once they noticed and accepted it as a performance, the seriousness of it was gone, and they took it as a satire of an academic presentation, a performative act. My serious intent to subvert the serious academic was not taken seriously enough. The distancing effect of the performative academic persona, did raise serious questions of how the audience related to this event. Moreover, it brought serious absurd humour, as a way to infiltrate the ranks of academic

A performance abordou, o que percebo como a impossibilidade de se fazer doutorado. Isso quer dizer: mesmo que um aluno conheça todos os procedimentos e instrumentos burocráticos, isso realmente contribuiria para o doutorado? São tantos formulários de PGR, que parece um exercício de envolvimento emocional, a cada momento. Quem conseguir, incessantemente, fazer o preenchimento de formulários, ganha o título de doutor. O doutorado se tornou isso, obrigações administrativas, contrato de autogestão e auto-administração acadêmica? Aqueles que controlam as formas controlam o fluxo. Sob os regulamentos da academia, o risco de ser governado se transforma no exercício de autoadministrar o seu próprio risco. Quem controla o risco controla a burocracia. Os estudantes vêm e vão, o arriscar mantém-se em risco.

Assim como alguns alunos acharam a performance divertida, outros se preocuparam: “Talvez alguns acadêmicos tenham achado desrespeitoso, já que você estava afirmando que o doutorado não existe, e que não estão fazendo nenhum trabalho de doutorado” (GRS, 2017). Enquanto outros notaram que: “Funcionou, porque você levou a sério, mesmo quando o objetivo era se distanciar da seriedade, mostrando que você só precisava contextualizar”. Depois desse evento, comecei a pensar em como alinhar minhas futuras práticas com a performance, para ir além da categoria da crítica institucional. Como praticar a crítica além do contexto institucional, dentro do mecanismo institucional, estando ciente dos requisitos institucionais ne-

presentations, in order to question the value of originality, the construction and deconstruction of the academic self, and the underlying institutional infrastructures that turns a PhD into the PhD.

The performative act addressed what I perceive as the impossibility of doing PhD. That is to say: a student has all the tools of administration, forms, procedures, but does all of these actually accumulate to a PhD? So many PGR forms, that it feels like an exercise of feeling them out, time after time again. Whoever feels the best way possible about this incessant form-filling requirement, wins the doctorate title. Is this what PhD has come to? The obligation to administrative obligations? Contractual inhabitation of self-management and self-academic governance? Those who control the forms, control the flow. The risk of being governed turns into the exercise of self-governing your own risk, under the regulations of the academia. He who controls the risk, controls the form. Students come and go, risk maintains at risk.

As well as those who found this performance amusing, some students worried; “Maybe some academics found it disrespectful, since you were stating that there is no such thing as a PhD, and they are not doing any PhD work” (GRS 2017). While others noted; “You made it work, because you took it seriously, even when the purpose of it was to have a distance

Desfazendo o eu acadêmico: Performance crítica e a incerteza na prática do doutorado

cessários para se formar em um programa de doutorado. Como poderia essa velha questão em torno da crítica institucional trazer novas questões (ela precisa de originalidade, afinal), por meio de um projeto prático de doutorado, durante seu interstício para realização do projeto. Utilizar a infra-estrutura institucional como espaço colaborativo de teste, para expor e sobre expor, a institucionalização da instituição. Focar em estudos individuais é um modo de expor a problemática do mecanismo da busca pela originalidade.

Construindo o saber

O que aconteceu e como foi essa não-performance? Essas perguntas trazem comigo pelos corredores da AUT, atualmente, um rastro de respostas especulativas. Na mesma data, 21 de fevereiro de 2018, o curso de Arte e Design acolheram seus alunos de pós-graduação, para orientação, numa reunião pública do lado externo do bloco WE. Os dois eventos coincidiram na mesma data (especulava-se se foi proposital ou não). Alguns coordenadores saíram para receber os estudantes, outros ficaram para a performance. A performance foi reduzida a elementos performativos explícitos ou institucionais, e foi transferida para o público a tarefa de imaginar e decodificar o que o código poderia estar significando (caso houvesse um). Uma simples cena foi organizada, com os seguintes

from the seriousness, showing that you just had to perform yourself put it in context." After this event I started to think about how to align my future-to-be practices, and my performative self to exceed the category of institutional critique. How to practice more-than-institutional critique, inside the institutional apparatus, while being aware of all the institutional requirements of graduating from a PhD program. How could this old question surrounding institutional critique become new questions (it needs originality after all), through a practice-led project at PhD level, through performing a PhD through the interstices of the PhD itself. Using the institutional infrastructure as a collaborative test space, to expose and overexpose, the institutionalisation of the institution. One mechanism to expose the problematic of originality is to collaborate within a degree focused on individual scholarship.

Crafting the Scholarship

What did happen during this non-performance and what was it? Those questions carry a trail of speculative answers with me through the corridors of AUT at present. The audience assembled outside of WE block, on the 21st of February 2018, exactly on the same date that the Art and

elementos: três cones de estrada de segurança, uma barreira de segurança de três metros de plástico, formulários de aceitação, dois participantes não artistas e o público. Esta foi a segunda vez que o artista da AUT, John Vea colaborou com a proposta da crítica institucional, na qual destacava-se o valor do artista para a instituição e, como esse valor, é criado e modelado. Esta colaboração intitulada “Você não é maior que a sua bolsa” (2018), inicialmente discutiu a visibilidade do trabalho acadêmico, como ele é avaliado e remunerado (com bolsas de estudo), assim como, propôs mensurar os resultados do “produto” acadêmico.

A infra-estrutura de AUT, particularmente o espaço WE, tornou-se o principal local de interesse para nossos ensaios. John e eu fizemos dos corredores, do terceiro andar do prédio, nossos espaços de discussão improvisado, refletindo sobre nossas ideias, subindo e descendo escadas. Curiosamente, os professores que estavam dando aula no espaço, acreditavam que lá era o nosso escritório, pois parecia que eles achavam que estavam nos atrapalhando e interrompendo, apesar do espaço ser aberto para o público. Não foi necessário demarcar o espaço, pois nossos próprios corpos serviram para isso, assim, iniciamos um diálogo sobre a não-performance, preenchendo o ar com nossos planos futuros. Enquanto o público esperava lá embaixo, esperamos lá dentro, visíveis através das escadas de vidro e filmamos a multidão cada vez menor com câmeras de vídeo. Como reflexo pós-evento, uma das minhas supervisoras, Maria O'Connor, comentou:

Estamos todos muito familiarizados com os códigos e a infraestrutura aqui. Câmeras retêm o nosso olhar, estamos acostumados com esse cenário de olhar para ser olhado. Estamos familiarizados com o olhar duplicado, constituído pelos artistas que nos convidam para olhá-los, enquanto se movimentam com fluidez, através do fascínio da transparência e do enquadramento convidativo, do exibicionismo

Design had their post-graduate students welcome and orientation. The two events collided with each other (leaving the audience to speculate if it was on purpose or not). Some staff members left for the welcome, others stayed for the performance. The performance itself was reduced to explicit or institutional performative elements, leaving it to the imagination and participation skills of the audience, to decode what the code might be (if there was one to start with). A modest instructional scene was set by this empirical data: three safety road-cones, one x temporary three-meter plastic safety barrier, consent forms, an audience, and two non-performing performers. This was the second time collaborating with the AUT artist John Vea, jointly thinking via our practices about academic labour, institutional critique, and what is the value of the artist to the institution and how this value is created and being shaped. This particular collaboration entitled *You Are no Greater Than Your Scholarship* (2018), was initially sparked by discussing the visibility of academic labour, how it is evaluated and rewarded (via scholarships), and how to measure the ‘product’ that academics are producing.

The infrastructure of AUT, particularly WE block, became the main site of interest and rehearsal space. Both John and I made the corridors of the third floor of the building our improvised discussion space, walking up and down, bouncing ideas of each other. Interestingly enough, the staff of AUT who were teaching in the same space spotted us, and several of them asked us if that is now our office space and it felt like they are intruding and interrupting us, even that the corridor was public open space. It was not needed to have a marking tape or any other marker; our own bodies served as demarcation of the space, in which we open a dialog between each other, and fill the air with our future-to-come plans for the performative non-performance. While the audience waited below we waited inside, viewable through the glass stairwell, and we filmed the rapidly diminishing crowd on video cameras. As a reflection post-event, one of my supervisors, Maria O'Connor, commented:

We are all too familiar with the codes and infrastructure of performance here. Cameras hold our gaze, we are open to this scenario of looking at being looked at. We are familiar with the doubling of this gaze constituted by the performers requesting this invitation

de nosso olhar. Reconhecemos a vaidade no trabalho e nos sentimos relativamente abertos à sua proposta - O conceito é familiar, pois estamos em segurança dentro da estrutura do ambiente da performance ao vivo. Afinal de contas, somos de arte e de design, confinados nessa segura escola particular de Arte e Design.

A transparência e seu fascínio nos garantiu divulgação pública, enquanto performávamos nossa personalidade acadêmica. Todos podiam nos ver, mas, ao mesmo tempo, éramos invisíveis ao olhar institucional, que se misturava à nossa atividade mundana. A transparência da infraestrutura institucional nos garantiu o anonimato. Nós poderíamos ser vistos e ao mesmo tempo esquecidos. Enquanto tirávamos fotos do público e documentávamos sua presença, momentos fugazes de participação se manifestavam, como a platéia andando pela grama nos olhava deliberadamente.

Não fomos reconhecidos pelos professores, que não demonstraram interesse pelas nossas atividades, fomos esquecidos. Fomos totalmente ignorados. Um professor, depois da performance, afirmou “Isso foi um desperdício do meu tempo ... nada original ou interessante”. Ele disse isso como uma provocação, mas para John e eu, a dupla colaboradora, o desinteresse da maioria da platéia com a não-performance era o aspecto mais interessante. Produzimos desinteresse pelo interesse institucional. A próxima apresentação foi criada para aumentar as apostas da crítica institucional e autogerenciamento da personalidade acadêmica.

to look at them as they move fluidly through the allure of transparency and frame inviting through exhibitionism our gaze. We recognize the conceit at work and we feel relatively open to its play – The conceit is familiar as we are safely inside the framework of its live performance milieu. We are, after all, art and design practitioners within the secure everyday confines of this particular Art and Design school.

The allure of transparency granted us public disclosure, as we performed our academic personas. Everyone could see us, but at the same time, we became invisible to the institutional gaze inside the institution, blending in with our mundane activity. The transparency of the institutional infrastructure granted us anonymity. We could be seen and in the same time forgotten. As we took pictures of the audience and documented their presence, fleeting moments of participation manifested such as the audience walking across the grass to stare deliberately up at us.

Disinterest in our activities granted us even more agency of being forgotten and not granted any recognition (scholarship-wise or other). On full display, we were fully ignored. “That was waste of my time...nothing original or interesting”, one professor stated afterwards. He said this as a provocation, yet exactly the disinterest of most of the audience to the scholarship non-performance was the most interesting aspect to John and I, as a collaborating duo. We produced disinterest for the institutional interest. The next upcoming performance, set to raise the stakes of institutional critique and self-managing the academic persona.



Fig 2. Gazing through the institutional gaze.
By Kaoru Kodama, 2018, Auckland, New Zealand.

Fig 2. Gazing through the institutional gaze.
By Kaoru Kodama, 2018, Auckland, New Zealand.

Construindo PGR X

Todo estudante, a partir dos nove até doze meses de estudos, é obrigado a passar por um processo de avaliação, para confirmar a sua candidatura. Esse marco acadêmico, apresenta tons remanescentes de “confirmação” religiosa, é estruturado, por meio de um formulário administrativo denominado PRG9, no qual a redação e a apresentação estão sujeitas à revisão por avaliadores internos e externos. Na maioria das universidades, o aluno é definitivamente aceito como doutorando, desde que seu projeto esteja suficientemente desenvolvido. Essa etapa, considerada o estágio de iniciação, faz a transição para o doutoramento, quando o aluno é então oficialmente aceito no programa e passa a ser reconhecido como um doutorando, capaz de concluir a pesquisa proposta, de maneira adequada.

O processo PRG9 é prescritivo e é projetado para estudantes de todas as áreas, adaptado para o campo da Arte e do Design. A exigência de uma revisão de literatura é expandida para uma “revisão de conhecimento”, para incluir pesquisas de artistas ou designers. O documento contém perguntas sobre a pesquisa, cronogramas, orçamentos e justificativas sobre o projeto elaborado do candidato. Também é necessária uma apresentação pública para dois avaliadores e os seus respectivos orientadores, assim como membros convidados do corpo docente e alunos que possam contribuir e fornecer esclarecimentos adicionais ao material

Crafting PGR X

All PhD students at AUT have to pass through a ‘confirmation’ process candidature, usually after the nine months to a year, of study. This academic milestone, with the remnant overtones of religious ‘confirmation’, is structured through an administrative form named PRG9, at AUT University, where a body of writing and a presentation is subject to review by internal and external reviewers. In most universities a student only has provisional entry until their project is sufficiently developed to be accepted as a PhD candidate. This is the initiation stage, transitioning from student to candidate, and being officially accepted in the PhD program as a rightful member, who is recognized as a capable candidate who can complete in timely manner the proposed research.

The PRG9 confirmation is a prescriptive process designed for students of all disciplines which we translate, to a certain extent, to our purposes in Art and Design. The requirement for a literature review is expanded to a “review of knowledge” to include research of practicing artists or designers. The document requires research questions, timelines, budgets and rationales for the project which is drafted by the candidate. A public presentation is also required for two reviewers and the candidate’s supervisors, invited members of the faculty and student peers to contribute and provide further

escrito. O formato deste evento é geralmente uma apresentação em PowerPoint, seguida por uma ordem estruturada hierárquica de perguntas feitas pelos avaliadores. Em relação às minhas práticas performativas, sobre a figura acadêmica, senti que tenho que apresentar a única maneira que possivelmente conheço: subvertendo a apresentação para as minhas próprias práticas de crítica institucional. A impossibilidade de me apresentar como um estudante “normalizado” me permite construir, imaginar e realizar minha própria versão do que o PGR9 poderia ser no contexto das expectativas de reconhecimento do exame institucional. De maneira um tanto estranha, esse evento é sempre chamado por essa combinação de letras e número - o PGR9.

A maneira como eu intitulei minha proposta, bem como a forma como os procedimentos operam no departamento, já causou agitação. Ao invés de PGR9, fui direto para a próxima etapa: PGR X: The Next Chapter Insinuando que o PRG X (X como romano dez) está além do PRG9, como intitulei ‘O próximo capítulo’, nesse sentido, alguns funcionários já ficaram perplexos com o título, dizendo que não sabiam que eu já havia passado direto do PGR 9 para o PRG X. A especulação e o jogo do título com o arcabouço institucional foi um arranjo para o que iria acontecer na data da apresentação. Além disso, esse é a primeira chamada, que antecipa a parte de colaboração de minhas práticas, que se refere a “Rumen Rachev & Co”, que mais tarde se tornará “Rachev & Co”.

clarification to the written material. The format for this event is usually a PowerPoint presentation in front of the audience, followed by a hierarchical structured order of questions first offered to the reviewers. In relation to my performative practices, performing the academic persona, I felt that I have to present the only way possibly I know: by subverting the presentation for my own institutional critique practices. The impossibility of my being to perform as a ‘normalized’ student lend me in the land of constructing my own version of what PGR9 could be, envisioned and performed in the context of the expectations of institutional recognition and examination. Somewhat oddly this event is always called by this combination of numbers and letters—the PGR9.

The way I titled this event already caused some stirrings, with the way the formal procedures operate in the department. Instead of PGR9, which is the official title, I went for the next step: PGRX: The Next Chapter. Implying that the PRG X (X as roman ten) is beyond the PRG9. Some staff already were perplexed by the title, saying that they did not know that I passed already the PGR 9, and went to the PRG X. The speculation and the play of the title with the institutional framework was a set-up for what would eventuate on the date of the presentation. Furthermore, this is the first poster referring upfront about the collaboration part of my practices, stating ‘Rumen Rachev & Co’, which later will turn into ‘Rachev&Co’.

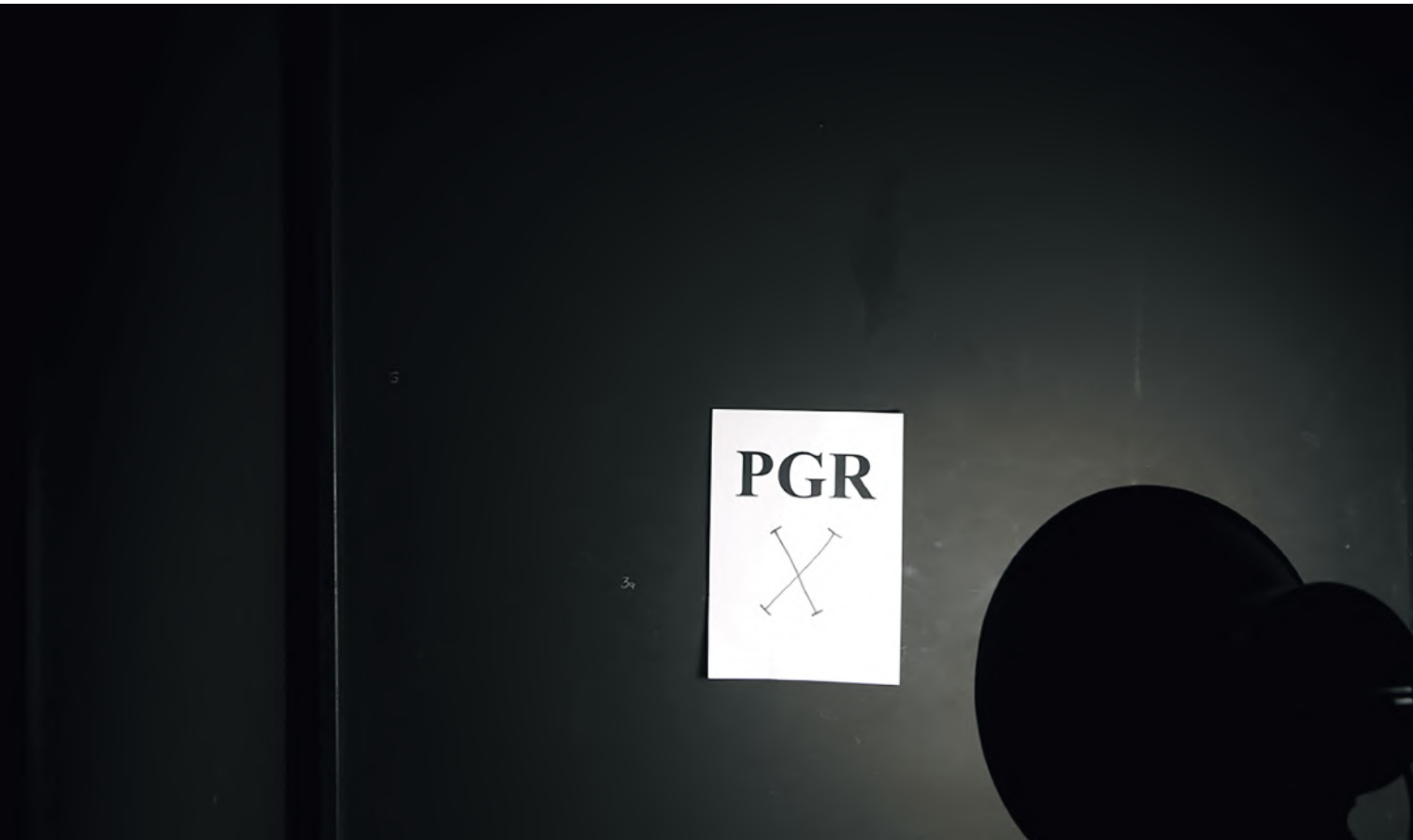


Fig 3. O cartaz promocional de PRG X: The Next Chapter.
De Rumen Rachev, 2018, Auckland, Nova Zelândia.

Fig 3. The promotional poster for the PRG X: The Next Chapter.
By Rumen Rachev, 2018, Auckland, New Zealand.

A encenação do PRG X estava no formato de um programa de TV, com o principal apresentador (eu) responsável pelo ritual institucional. A representação estava relacionada com rigidez das apresentações acadêmicas, como a maneira de usar o PowerPoint, diante do público, para transmitir verbalmente o conhecimento adquirido. A concepção do PRG X como um programa de TV proporcionou a infraestrutura necessária para mostrar o arcabouço de como os acadêmicos se apresentam e as implicações cerimoniais por trás dos protocolos de au-

This research stems from the author's practice of undoing theory and knowledge, to provide a practice-led proposal engaging institutional critique. The inertia (combined with urgency) for fixing this PhD project for review and ultimately examination is unsettled by fluid methodologies (Coleman and Ringrose 2013; Koro-Ljungberg 2016), a condition that I term 'performative uncertainties' for the purposes of this project. The research critically analyses what is meant by 'production of knowledge' in the Art and Design field, through a détournement of macro-managerial practices, and through an active fostering of collaborative practices with other PhD candidates or performers.

togestão (vista-se bem, seja perspicaz, confiante, apresente-se como pessoa conhecedora). Claro, nenhum programa “real” de TV é proposto sem câmeras, então eu tinha duas câmeras digitais para transmitir o PRG X, em duas telas de LED, ao vivo.

A cena tinha um sofá com dois projetores de luz iluminando do lado esquerdo e direito, duas câmeras na frente e dois grandes painéis móveis, servindo como paredes improvisadas, para separar-me da platéia no estúdio improvisado. Eu não conseguia ver quem estava na platéia, embora ao mesmo tempo, o público tinha total exposição à minha personalidade acadêmica, transmitida ao vivo nas duas telas. A imagem acadêmica está personificada nas telas. Realizando a função do anfitrião, convidei dois dos meus colaboradores para se sentarem no sofá e conversar comigo, sem saber se eles viriam, ou se aceitariam meu convite para se sentarem diante das câmeras. Depois de uma breve introdução formal do meu progresso no doutorado sobre o que foi alcançado e ganhado até agora, eu convidei primeiro o artista local Chris Berthelsen, depois o meu colaborador da AUT, John Vea, para sentar também. O PRG X tornou-se uma visão humorística da prática institucional de apresentar pesquisa acadêmica, com absurda longa duração. Desde a minha primeira performance, na Mairangi Art Centre, com Berthelsen, que me introduziu como “artista europeu crucial” (mesmo que ninguém me conhecesse na Europa como um artista), a discussão criativa do mundo da arte, passava pelo aspecto colaborativo das nossas performances com Vea, nesse sentido, tentei inserir o conceito de práticas colaborativas, no meu doutoramento.

The staging of the PRG X was in the format of a TV host show, with the leading host (me) in charge of this institutional ritual. The staging was done in relation to the stiffness of academic presentations, in the manner of using PowerPoint, in front of an audience, and broadcasting acquired knowledge through the front audio output, the mouth. The framing of the PRG X as a TV host show provided the needed infrastructure to bring forward the edifice of how academics present themselves and the ceremonial overtones behind the protocols of self-management (dress well, look sharp, be confident, present yourself as knowledgeable person). Of course, no TV show will be made ‘real’ without cameras, thus I had two digital cameras to live broadcast the PRG X, onto two LED screens.

The actual staging consisted of a couch, two light projectors lighting the couch from the left and right side, two cameras in front of the couch, and two big mobile panels, serving as improvised walls, to barricade myself from the audience in the improvised studio. I could not see who is in the audience, while in the same time, the audience had full exposure to my academic persona, broadcasted live on the two screens. The image of the academic persona got personified on the screen. Performing the function of the host, I invited two of my collaborators to sit on the couch and talk to



Fig 4. Convidando John Vea para ser recebido no sofá.

De Ali Taheri, 2018, Auckland, New Zealand

Fig 4. Inviting John Vea to be hosted on the couch.

By Ali Taheri, 2018, Auckland, New Zealand.

me, not knowing if they will come in advance, or if they will take upon my invitation to sit down in front of the cameras. After a short introduction in a very formal way of my PhD progress so far and what has been achieved and gained, I invited first the local artist Chris Berthelsen, after which my AUT collaborator, John Vea, took the seat as well. The PRG X turned into a humorous viewing of the institutional practice of presenting academic research, taking it to absurd length. From the coining and being introduced to the art world by Berthelsen as “crucial European artist” (even though no one knows me at all in Europe as an artist), at my first performance with him in the Mairangi Art Centre, to discussing the collaborating aspect of our performances with Vea, I attempted to instill the sense of collaborative practices throughout my PhD.

In broadcasting my hosting and academic persona to the rest of the audience, I wanted to show that the PhD cannot be done in isolation (especially in the Art and Design field), and that each candidate depends on the renting of labour from others, to make things possible. From ideas, to giving their bodies for the performance practices, the sharing of labour among other artist made this practice-led PhD to stand out as a collaborative effort in shaping other possibilities of contribution to the institutional apparatus. After my brief introduction and discussion of my practices and hosting two of my main collaborators through the PRG X, the ending was ended with inviting the two reviewers and my two supervisors, to sit in front of the cameras, and I took yet another role, that of the host-interviewer. Stepping behind the cameras, now the reviewers and my supervisors were

Depois do PRG X: *The Next Chapter*, os resultados apontavam preocupação em relação aos limites da pesquisa futura do meu projeto. Um dos avaliadores comentou: “Eu não estou convencido da importância do seu trabalho. Qual é a contribuição para o doutorado?”. A utilidade e contribuição da “produção original de conhecimento” foi questionada em várias ocasiões. Apreciei os comentários, pois apontam o que o meu doutorado está questionando e desfazendo: mesmo no campo flexível da Arte e Design, que é considerado por alguns como espaço aberto e seguro para explorações, pois traz a prática da pesquisa não convencional, ainda assim o campo funciona como instituição, com necessidade de reconhecimento institucional e normas institucionais. Não me surpreenderam os questionamentos sobre o significado e a originalidade de meu doutorado, pois minha proposta prática pretendia desfazer a produção do conhecimento original, questionando como ele é construído e institucionalizado, e como o anseio pela originalidade e a mensuração dessa originalidade pode ultrapassar todos os outros aspectos críticos do projeto. A questão sobre o conceito de originalidade foi discutida no artigo de Rosalind Krauss em *The Originality of the Avant Garde* (1986), que desbancou o culto da originalidade e autenticidade na arte. Portanto, é importante perguntar: por que a pesquisa prática no campo da Arte e do Design ainda tentam validar suas práticas como originais e autênticas.

the main subjects on the screen, put on full display to ask and reflect with me, upon my PhD project. A comment later on reflecting on this act was: “you examined the examiners. You put them on the spot (on the screen)” (2018). The audience became collaborators, in the sense of contributing to the PhD practices, with their input of ideas and further exploratory questions.

The feedback following the PRG X: *The Next Chapter* exposed the limits of managerial concern for the future outcomes of my project. As one of the reviewers commented: “I am not convinced by the significance of your work. What is the contribution made with this PhD project?” The usefulness and contribution of the “original knowledge production” was in question, on several occasions. Those reflections are appreciated, since they point out what my PhD is questioning and undoing: even in the flexible field of Art and Design, which is considered by some as open and safe space for explorations and bringing unconventional practices into fruition, still the field functions as an institution, in need of institutional recognition and institutional norms. It comes as no surprise to question the significance and originality of my PhD, yet on other hand my practices intend to undo the production of original knowledge, questioning how it is constructed and institutionalized, and how the craving for originality and the measuring of this originality can overtake all other critical aspects of the project.

Se o PRG 9 é um exercício de controle de passagem de um iniciante, em liberdade condicional, para o status de candidato de pleno direito do doutorado, então o PRG X abre o próximo capítulo da minha prática para questionar o que implica esse status para sustentar a institucionalização da instituição. Andrea Fraser em “Da crítica das instituições para uma Instituição da crítica” (2005), postula: “Não é uma questão ser contra a instituição: somos a instituição. A questão é que tipo de instituição nós somos, que tipo de valores nós institucionalizamos, que formas de prática nós recompensamos, e que tipo de recompensas nós aspiramos” (p.283). O diálogo sobre práticas institucionais e sua crítica dentro da instituição tem sido amplamente discutido em publicações como *Arte e Prática Crítica Contemporânea: Reinventando a Crítica Institucional* (Raunig & Ray, 2009) e *Crítica Institucional: Uma Antologia de Escritas de Artistas* (Alberto & Stimson, 2009). Indo mais longe, um dos avaliadores do PRG X durante minha apresentação, me aconselhou: “Você deve reconhecer que a arte e o design já são um campo revolucionário, permitindo muita flexibilidade, enquanto que em outras disciplinas não há.” “Você é um revolucionário dentro de uma revolução” - acrescentou. Este comentário vai ao encontro do argumento de Hazel Smith e Roger Dean (2010) sobre a pesquisa prática: “A virada para a prática criativa é um dos desenvolvimentos mais excitantes e revolucionários que ocorreram na universidade nas últimas duas décadas e atualmente está acelerando a sua influência.” (P.1). Mais recentemente, Danny Butt (2017) também

The question concerning originality has been discussed in depth by Rosalind Krauss in *The Originality of the Avant Garde* (1986), debunking the cult of originality and authenticity. Hence, it becomes an important question to ask: why practice-led research and the Art and Design field still is required to validate itself as original and authentic.

If the PRG 9 is a monitoring exercise in passing from a novis PhD candidate on probation to the status of fully fledged candidate, then the PRG X opens up the next chapter in my practice for questioning what this status entails in sustaining the institutionalization of the institution. In Andrea Fraser’s ‘From the Critique of Institutions to an Institution of Critique’ (2005), she posits; “It’s not a question of being against the institution: We are the institution. It is a question of what kind of institution we are, what kind of values we institutionalize, what forms of practice we reward, and what kind of rewards we aspire to” (283). The dialog about institutional practices and the critique of them inside the institution has been thoroughly discussed further on in publications such as *Art and Contemporary Critical Practice: Reinventing Institutional Critique* (Raunig and Ray 2009) and *Institutional Critique: An Anthology of Artists’ Writings* (Alberto & Stimson, 2009). Moving further, one of the PRG X reviewers during my confirmation event advised me: “You should recognise that the Art and Design is already

descobriu que a pesquisa prática representa um “plano positivo”, para o futuro da academia. No entanto, a promoção do potencial transformador da prática de doutorado para a academia não deveria significar que ela deveria estar imune à crítica interna. O significado da minha prática pode estar no questionamento de como a originalidade é percebida na Arte e no Design, em primeiro lugar, como as indústrias criativas estão influenciando a estrutura para a criação de trabalhos “produtivos” e investigar como as verificações e equilíbrios administrativos dentro do doutorado pode estar moldando ou mesmo formulando o tipo de conhecimento criativo que emerge. Quando eu critico a forma como a crítica está sendo construída e executada, e trago colaboradores para mudar do foco da originalidade individual para os modelos de conhecimento co-construídos, também estou ciente de que a instituição prospera na crítica estudantil a fim de renovar seus próprios processos e estruturas.

Tornar os processos institucionais transparentes e abertos à crítica pode contribuir na construção de instituições mais fortes, na medida em que coopta formas criativas de criticidade para seus próprios fins. Isso traz outra questão, claro; Como minha prática de doutorado pode se tornar crítica mais do que a própria avaliação institucional? Como criar e sustentar “mais do que” práticas, sem ser mencionado como “champagne socialista”. Afinal, quem quer liderar uma revolução dentro de um campo, que não apenas permite a revolução, mas a encoraja a se tornar um empreendimento produtivo e criativo, ao invés de trazer uma mudança nos mecanismos operacionais do poder institucional. As pesquisas práticas de doutorado devem ser negociadas de forma colaborativa, e não impostas institucionalmente. O campo do doutorado prático de Arte e Design ainda tem um longo caminho a percorrer, antes de amadurecer. Uma performance de cada vez; uma crítica por minuto.

a revolutionary field, allowing a lot of flexibility, that other disciplines do not have.” “You are a revolutionary inside a revolution”- he added. This comment echoes Hazel Smith and Roger Dean’s (2010) argument about practice-led research: “The turn to creative practice is one of the most exciting and revolutionary developments to occur in the university within the last two decades and is currently accelerating in influence.” (1). More recently, Danny Butt (2017) has also found that practice-led research represents a ‘positive blueprint’ for the future academy. However, the promotion of the transformative potential of the practice-led PhD for the academy should not mean it should be immune from internal critique. The significance of my practice may lie in the questioning of how originality is perceived in the Art and Design in the first place, how the creative industries are influencing the framework for creating ‘productive’ works, and to investigate how administrative checks and balances within the PhD might be shaping, or even formulating the kind of creative knowledge that emerges. When I critique the way critique is being constructed and carried out, and bring in collaborators to shift from the focus from individual originality to co-constructed models of knowledge, I am also aware that the institution thrives on student critique in order to renew its own processes and structures.

To render institutional processes transparent and open to critique, might become complicit in building stronger institutional boundaries when the institution co-opts creative forms of criticality to its own ends. This brings about another question of course; how can my PhD practice become more-than-institutional critique? How to create and sustain ‘more-than’ practices, without being referred to as ‘champagne socialist’. After all, who wants to lead a revolution inside a field, which not only allows revolution to take place, but encourages it to be a turned into a productive and creative endeavour, rather than bring a shift in any of the operational mechanisms of institutional power. Practice-led PhD practices must be collaboratively negotiated, not only institutionally imposed. The field of Art and Design in the institution, as expressed in the form of the practice-led PhD, still has room to develop. One performance at a time; one critique per minute.

1 Meu argumento para “incertezas performativas” ainda está em elaboração, no caso de “incertezas incertas”, os resultados estão indo além da estrutura de gerenciamento de risco, conhecido e calculável, para criar incertezas improdutivas e não gerenciáveis. Essas incertezas incertas impulsionam não apenas os limites das fronteiras de Saúde e Segurança, mas o mais importante é - o que o aparato acadêmico pode cooptar e institucionalizar. Uma contextualização adicional das incertezas e a institucionalização dessas incertezas seguirão em escritos futuros.

2 While my argument for 'performative uncertainties' is still in formation, I anticipate that this methodology will become central to future writing and performing. I will speculate on the potential of 'uncertain uncertainties' to produce performance-based outcomes beyond the framework of known and calculatable risk management. Such uncertain uncertainties stretch what the academic apparatus can co-opt and institutionalise.

References

- Alberro, A. (2011). Institutions, critique, and institutional critique. In B. Stimson (Ed.), *Institutional critique: An anthology of artists writings* (pp. 2-19). Cambridge, MA: MIT Press.
- Alberro, A., & Stimson, B. (2009). *Institutional critique: An anthology of artists writings*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Barrett, E., & Bolt, B. (2012). *Practice as research: Approaches to creative arts enquiry*. London: I.B. Tauris.
- Buckley, B., & Conomos J. (eds.). (2009). *Rethinking the Contemporary Art School: The Artist, the PhD, and the Academy*. Halifax, Nova Scotia: NSCAD Press.
- Butt, D. (2017). *Artistic research in the future academy*. Bristol: Intellect.
- Coleman, R., & Ringrose, J. (2013). *Deleuze and Research Methodologies*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

References

- Alberro, Alexander & Stimson, Blake. “Institutions, critique, and institutional critique.” *Institutional critique: an anthology of artists' writings* (2009): 2-19.
- Barrett, Estelle, and Barbara Bolt, eds. *Practice as research: Approaches to creative arts enquiry*. London: I.B. Tauris, 2014.
- Buckley, Brad, and John Conomos, eds. *Rethinking the contemporary art school: The artist, the PhD, and the academy*. Pr of the Nova Scotia, 2009.
- Butt, Danny. *Artistic Research in the Future Academy*. Intellect, 2017.
- Coleman, Rebecca, ed. *Deleuze and research methodologies*. Edinburgh University Press, 2013.
- Fraser, Andrea. “From the Critique of Institutions to an Institution of Critique.” *Artforum* 44, no. 1 (2005): 278.
- Haseman, Brad. “A manifesto for performative research.” *Media International Australia incorporating Culture and Policy* 118, no. 1 (2006): 98-106.

- Fraser, A. (2005). From the critique of institutions to an institution of critique. *Artforum*, 44(1), 100- 106.
- Haseman, B. (2006). A Manifesto for Performative Research. *Media International Australia Incorporating Culture and Policy*, 118(1), 98-106.
- Jarvis, I. (2009). Significant method: A questioning of the importance of articulating method in practice-led research (a case-study). *Studies in Material Thinking*, 3, 1-7.
- Keil, M. (2017). What is the purpose of institutional critique today?. *Polish Theatre Journal*, 1(2).
- Koro-Ljungberg, M. (2016). *Reconceptualizing Qualitative Research: Methodologies without Methodology*. London: Sage Edition.
- Krauss, R. E. (1986). *The originality of the avant-garde and other modernist myths*. Cambridge, MA: MIT press.
- Scrivener, S. (2000). Reflection in and on action and practice in creative-production doctoral projects in art and design. *Working Papers in Art and Design*, 1.
- Scrivener, S., & Chapman, P. (2004). The Practical Implications of Applying a Theory of Practice-based Research to Art and Design. *Working Papers in Art and Design*, 3.
- Lesage, D. (2012). Permanent Performance. *Performance Research*, 17(6), 14-21.
- Raunig, G., & Ray, G. (2009). *Art and contemporary critical practice: Reinventing institutional critique*. London: MayFlyBooks.
- Jarvis, Ian. "Significant method: a questioning of the importance of articulating method in practice-led research (a case study)." *Studies in Material Thinking* 3 (2009).
- Keil, Marta. "What Is the Purpose of Institutional Critique Today?." *Polish Theatre Journal* 1-2/2017 (2017).
- Koro-Ljungberg, Mirka. *Reconceptualizing qualitative research: Methodologies without methodology*. Sage Publications, 2015.
- Krauss, Rosalind E. *The originality of the avant-garde and other modernist myths*. MIT press, 1986.
- Scrivener, Steven. "Reflection in and on action and practice in creative-production doctoral projects in art and design." *Working papers in art and design* 1, no. 1 (2000).
- Scrivener, S., and P. Chapman. "The Practical Implications of Applying a Theory of Practice-based Research to Art and Design." *Working Papers in Art and Design* 3 (2004).
- Lesage, Dieter. "Permanent performance." *Performance Research* 17, no. 6 (2012): 14-21.
- Raunig, Gerald, and Gene Ray. *Art and contemporary critical practice: Reinventing institutional critique*. London: MayFlyBooks, 2009., 2009.

Received: June 15, 2018

Approved: August 13, 2018

Camera Ready: August 27, 2018